
EDITORIAL

Fui convidado pela equipe da Revista Ensaios e Pesquisas em Educação para fazer o Editorial de apresentação de seu primeiro número.

Mais uma revista da área de Educação...

Mais uma revista da área de Educação?

Essa constatação e essa pergunta precisam ser feitas nesses tempos de produtivismo que gera tanta coisa...

Mas esperemos um pouco. Quem está editando essa revista? A quem ela está endereçada para se comportarem como autores e leitores?

Ora... é aquele pessoal que se juntou lá longe, que tomou para si um tema sempre secundarizado nos estudos da área. É aquele pessoal que em poucos anos de vida e luta acadêmica (por vezes mais tempo de luta do que de vida) que organizou seus grupos de pesquisa, depois um programa de Mestrado e em pouco tempo conseguiu ver aprovado o seu programa de Doutorado.

É o pessoal do Gpesurer, registrado no [Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPQ](#) e que integra o PPGEduc/UFRRJ/Mestrado e Doutorado em Educação, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

Talvez você, primeiro leitor e contemporâneo dessa edição, já saiba do que se trata. Mas vou parafrasear o meu amigo Ahyas Siss em uma banca de Mestrado de um orientando meu que fez a singela pergunta (se bem me recordo): Tudo bem que você trate desse tema aqui em uma cidade grande e uma universidade tão grande, mas você acha que esse seu trabalho vai ser bem recebido por aqueles “professores distantes” e aquelas “escolas tão longe” que precisam conhecer o seu tema e a sua abordagem?

Bom, se essa revista conseguir levar e trazer novos autores e novos leitores para os temas desse ambicioso projeto intelectual e acadêmico reunido na “Rural de Nova Iguaçu” ela não será apenas “mais uma revista da área de Educação destinada a despejar produção apenas porque ela foi produzida”.

Há um TEMA, que alguns militantes acadêmicos açodadamente acreditam que está resolvido, mas que quem já trabalha com esse tema sabe que ainda é de posse de uma minoria. Precisamos de mais gente produzindo nesse TEMA, precisamos de muito mais gente lendo sobre esse TEMA, precisamos colocar esse TEMA na cabeça de muita gente que ainda pensa que ele não é um TEMA.

E que TEMA é esse?

Vejam os artigos inaugurais: começamos com uma análise da experiência da Rural com um curso de Especialização... Em seguida temos um sobre o “imaginário congelado” da “identidade brasileira”... Não bastasse esse texto, logo depois vem outro sobre cinco ideias equivocadas... Chegamos às experiências de um grupo de estudo coirmão... Seguimos com um que debate Etnicidade e grupos Étnicos na Educação Brasileira... Ai encontramos um debate sobre políticas de inclusão enfocada nas relações étnico-raciais... Ôpa! Militância acadêmica negra pós-64, me parece interessante... Intelectualidade negra produzindo conhecimentos sobre a educação, sério? Eu ainda não conhecia isso... Ações afirmativas na educação superior, será que tem alguma coisa nova nesse assunto?... E, finalmente um texto sobre a branquitude e o racismo...

Claro que eu não vou (como se diz hoje em “português coloquial”) dar mais spoilers do que esses. Minha ideia como convidado era apenas descobrir se a revista traduzia bem O TEMA daqueles amigos e daquelas amigas que militam na “Rural de Nova Iguaçu”. Alguns que conheço das lutas, dos bares e dos lares há tanto tempo. Outros e outras são mais recentes...

A minha opinião de apresentador é que essa revista tem mesmo ESSE TEMA.

Não... não vou lhes contar qual é esse tema.

Deixo para vocês leitores a tarefa de concordar ou discordar da minha opinião.

Essa não é “mais uma” Revista da Área de Educação.

É uma revista que tem substância, tem carne, tem osso, sangra, sua e chora nesses artigos de seu primeiro número.

É com muita felicidade que vejo ela nascer e com um sorriso orgulhoso de ter sido o comentador de um trabalho tão importante.

Que evolua... Que em breve sua afirmação como REFERÊNCIA NACIONAL E INTERNACIONAL EM UM CAMPO TEMÁTICO CENTRAL para a Educação leve seus editores a rebatizá-la... Ah, mas ai eu estou me envolvendo com uma outra questão, deixemos ela para os novos números e novos tempos.

Prof. Dr. Henrique Garcia Sobreira